



A CHUVA E A QUEDA

Era dezembro! O mês iniciou já um pouco acalorado e tudo correria dentro da mais simples normalidade naquela nada pacata pequena cidade denominada Valentés, nome bem característico para aquela alentada comunidade, que por hora se via diante de tantas datas festivas.

As comemorações poderiam fugir à regra de cidade agitada se não fosse o comportamento tempestivo da madame Maria Carolina que acabara de esquentar os nervos de toda a população. Ela, a caçula da família e uma mulher linda, não era muito receptiva com a sociedade como sua irmã, o que a tornava uma pessoa insuportável, astuta, esparta, nariz em riste; sempre evitando aproximação com o pessoal da localidade.

Estudava na cidade vizinha e era adepta do alcoolismo. Não eram poucos os motivos que fizeram com que essa mulher recebesse o título de persona insuportável non grata naquele local!

A cidade, que já possui um nome bastante sugestivo e relevante, era tida como terra de gente brava, sangue quente e nervos à flor da pele. Ninguém se atrevia a manter diferenças com aquele povo... Valentés já havia passado por dias de grandes agitações e era temida em toda a região.

Como é normal nessa época do ano, chovia muito naquela tarde de primeiro de dezembro. Uma tempestade caía sobre o pequeno lugarejo onde a população vivia com enormes dificuldades e preocupações devido à baixa renda e também à abusiva arrecadação do município!

Aquele casarão antigo na praça, de estilo arquitetônico diferenciado, bem na área central, por conta de sua beleza estonteante era considerado um monumento e fazia parte do movimento social, sendo visto por todos como um ponto turístico. E porque não?... A janela da cozinha, que dava para os fundos do casarão, estava aberta!...

Cleonice, uma costureira conhecida e a irmã mais velha de Maria Carolina, costurava num quarto separado do corpo da casa bem mais aos fundos da residência onde funcionava uma espécie de ateliê para atender a alguns clientes que costumavam frequentar o local.

Tempos atrás eram uma família de quatro pessoas, mas os pais faleceram deixando as irmãs órfãs naquela localidade e naquele imenso palacete. Essa perfeita anfitriã, uma mulher igualmente bonita, aparentava ter mais ou menos 40 anos. Nunca revelou publicamente sua verdadeira idade e, até então, não tinha se apresentado ou sido vista em público com nenhum pretendente ou namorado. Quanto a essas particularidades ela era muito reservada e tida como uma pessoa cética. Apesar de ser uma profissional autodidata, figurava como grande costureira de renome na região e tinha enorme freguesia e muitas encomendas a serem entregues até o dia seguinte.

Diziam alguns fofoqueiros que ela trabalhava única e exclusivamente para manter uma ocupação, pois era possuidora de muitos bens herdados de seus pais que faleceram deixando

uma enorme fortuna para as filhas. Sempre modesta, culta, bem-humorada, amiga de todos; procurava ser uma pessoa simpática, cumpridora de seus deveres e compromissos, sem demonstrar poderio econômico, no entanto, sem permitir invasão de sua privacidade e costumes, por isso trabalhava incansavelmente e se postava de maneira simples diante de todos. Era realmente uma pessoa muitíssimo agradável!

O céu ficou nublado rapidamente naquela tarde, nuvens escuras cobriam o firmamento; um vento frio assobiava e cortava toda a extensão do município de um canto ao outro causando arrepios em quem se atrevesse a ficar pelas ruas.

De repente, ouviu-se um enorme trovão e logo após um raio rasgou a amplidão fazendo a tarde cair, instantaneamente, provocando uma escuridão imensa. A chuva veio de supetão inundando as ruas. Uma grande tempestade, uma verdadeira tromba d'água tomou conta de todo o território e Cleonice gritava lá dos fundos em seu pequeno ateliê:

— Tem alguém aí? Tem alguém aí? Alguém fecha as janelas da cozinha, por favor, senão vai inundar toda a casa... Tem alguém aí? Meu Deus, vai inundar tudo e justo agora que mandei reformar e colocar o sinteco na sala e nos quartos! Valei-me, ó Deus!

Ela estava muito aflita e sua ansiedade aumentava cada vez mais. Lá fora caía uma enorme tempestade, alguns piques de energia já haviam ocorrido e um cheiro de utensílio queimado exalava pelo recinto. Ela continuou gritando:

— Carolina, por favor, tranque todas as janelas e portas da casa. Não deixe nada aberto! Meu Deus, as portas lá dentro devem estar abertas e com essa chuva não tem como eu sair daqui! Vamos perder todo o serviço das reformas se molhar o assoalho. Gente do céu, o que posso fazer?

No entanto, apesar dos insistentes pedidos, ninguém respondia. Então, levantou-se e tentou ir até a porta do quarto, do quartinho de costura, para verificar se a porta da sala estava realmente aberta. Para sua surpresa, se encontrava totalmente escancarada. Isso ela percebeu, apesar da escuridão, porque os relâmpagos permitiram que em um reflexo observasse o outro cômodo.

Caminhou mais um pouco tentando chegar na sala, com a intenção de resolver o problema, mas como havia um pequeno espaço sem cobertura, a forte chuva acabou molhando o piso, deixando-o escorregadio, e ocasionou um acidente fatal. Ela escorregou no assoalho molhado, acabou por perder totalmente o equilíbrio e caiu, violentamente, batendo com as nádegas no segundo degrau da escada.

Logo após a queda, sentiu algo gelado escorrer na espinha dorsal e gritou desesperada:

— Ai, Ai, Ai! Meu Deus! Alguém me ajude, por favor! Maria Carolina, socorro! Me ajuda, minha irmã!

Sentindo as pernas dormentes desfaleceu por alguns instantes não aguentando a imensa dor que sentiu e ao recobrar a consciência percebeu que havia escorregado para dentro da casa. Estava toda molhada! A chuva caindo, raios, trovões... aquela sensação de medo, um calafrio... E ela ali, caída, sentindo-se impotente, sem receber ajuda, apesar de ter gritado por socorro.

Ao levantar a cabeça, percebeu a presença de alguém!... O que estava acontecendo? Naquele local uma pessoa extremamente fria, calculista e fora de seu eu natural a observava. Uma criatura que mesmo sendo intimamente próxima, ligada a ela por laços de sangue, pois eram filhas dos mesmos

pais, permanecia plácida, deitada, vendo tudo acontecer sem manifestar nenhuma atitude!

A porta da sala continuava aberta e a chuva castigava implacável, molhando tudo. Aquilo era uma grande bátega, uma tormenta com ventos e trovoadas!

Diante disso, aquela figura doce ali estendida no chão olhou para a sua única companheira de residência e disse:

— Por favor, me ajude! Não estou sentindo minhas pernas, minha irmã, me ajuda! Me tire do meio dessa chuva fria!

Segurando um copo contendo duas pedras de gelo que ainda sobraram do whisky que acabara de tomar, a mulher permanecia inerte deitada no sofá, intacta e imóvel, balbuciando algo não muito compreendido. Logo depois começou a insultar a irmã dando, no final, algumas gargalhadas e revelando com isso sinais de alto grau de embriaguez. Expressava-se com desprezo, enquanto caçoava:

— Sua tonta, otária! Onde você pensa que vai chegar com toda essa sua ganância trabalhando como uma doida? Vê se acorda pra vida e saia desse marasmo.

Logo em seguida, com um tom bastante forte, parecendo se recuperar rapidamente da embriaguez, porém com muito ódio no olhar, esbravejou:

— Tomara que tu morras, peste! Não vês que eu estou aqui curtindo um porre? Vê se me deixa em paz!

Naquele momento, outro relâmpago seguido de outro trovão estourou sobre o céu daquela urbe, terra conhecida naquela região como lar do povo que tem ódio nas veias. O vento parecia mais forte e ainda trazia os respingos da chuva entrando pela casa inteira.

Mas ali em Valentes, apesar da má fama de povo de sangue quente, também havia muita gente boa! Cleonice era

uma delas! Há quem diga que ela foi e ainda é a pessoa mais conhecida e querida daquela região devido ao tamanho carinho que tem para com todos que a conhecem e falam da bondade que demonstra na hora de cobrar os aluguéis de seus inquilinos e de sua generosidade nas cobranças das costuras que, com grande competência, faz para toda a população e clientela.

Porém se é assim, porque será que a sua irmã caçula a tratava tão mal? Como entender um desprezo tão grande por essa criatura boníssima? Seria inveja? Alguma bulha de infância? Será que o passado daquelas duas criaturas trazia mágoas de que até Deus poderia duvidar? O que afetaria de forma tão grave a amizade entre as duas irmãs do mesmo sangue, inclusive o de igual paridade no fator RH?

Não, não pode ser! Duas irmãs de família boa, com muito prestígio na cidade... Talvez fosse somente a embriaguez confundindo a mente!... Ela estava de porre, totalmente embriagada, extremamente fora de si! De repente outro grito, desta vez com mais agonia e profundamente doloroso:

— Socorro! Socorro! Socorro, Maria Carolina! Não seja assim tão ruim para mim. Me ajude, por favor! Por quê? Por que você não me perdoa? Já faz tanto tempo e mesmo assim nem tem porque te pedir perdão do que achas que fiz, se nada fiz! Será que você vai levar para cova esse sentimento tolo, insano; essa mágoa que nos fere há tanto tempo assim? Quantas vezes eu vou ter que te dizer que não fui eu? Eu não provoquei nada; foi um incidente, minha irmã!

As lágrimas corriam no rosto de Cleonice, que soluçava com tamanha dor, e misturava-se com as águas da chuva, enquanto a beberona embriagada gritava:

— Não me perturbe e vê se levanta rápido deste chão, sua vadia! Eu já te falei que eu quero que você morra. Dê-me sossego. Eu te odeio! Não me importuna! Sai de perto de mim, sua anta!



• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em março de 2021.
